

A construção da cultura afro-descendente de Trinidad a partir da chegada de imigrantes indianos (1845 – 1875)

ALEXANDRE MARTINS DE ARAUJO¹

Resumo

Este artigo discute a formação da cultura Afro-descendente de Trinidad nas primeiras décadas após a Inglaterra declarar a emancipação de seus escravos em 1833. O foco central do estudo recai sobre a escolha dos fazendeiros, a partir de 1845, em substituir os trabalhadores ex-escravos por trabalhadores indianos orientais. Ainda que o número de imigrantes indianos naquela ilha fosse mínimo, se comparado à população afro-descendente, estes últimos os tomaram como o principal obstáculo para sua ascensão social. Assim é formado um cenário em que tais populações coexistiram sob uma tensa atmosfera envolvendo todo o tipo de construção de estereótipos, políticas de dispersão e guerras de interesses por parte de jornais locais em defesa de cada grupo envolvido. Em face dessa situação de impacto, as populações afro-descendentes de Trinidad lançaram mão de uma série de recursos simbólicos de suas culturas a fim de obter autonomia e, conseqüentemente, subverter a ordem discursiva da elite.

Palavras-chave: Imigração; Afro-descendentes; Indianos; Trinidad Colonial.

Abstract

This article discusses the formation of the African descendant culture of Trinidad, in the first decades after the British Slave Emancipation Act of 1833. The center of interest of this study lies on the farmers' choice, from 1845, in replacing former slave workers for "East Indian indenteds". Albeit the quantity of Indian immigrants on that island was minimal comparing to the African descendant population, the latter considered the Indian immigrants as the main obstacle for their social ascension. Thus, a scenery is shaped in which such populations coexisted under a tense atmosphere involving all kinds of stereotypes, dispersion policies, and wars of interest from local gazettes that play in defense of each involved group. In face of this impacting situation, the African descendant populations from Trinidad played a series of symbolical resources of their cultures to obtain autonomy and to subvert the discursive order of the elite.

Keywords: Immigration; African descendants; Indians; Colonial Trinidad.

Este artigo intenta trazer algumas contribuições para o entendimento do complexo processo de formação da cultura afro-descendente de Trinidad. Para isso analisaremos importantes acontecimentos históricos que marcaram a passagem do trabalho escravo para o assalariado. Nosso recorte temporal compreende as primeiras décadas após o ano de 1845,

momento em que começam a chegar naquela colônia as primeiras levas de imigrantes indianos contratados para o trabalho nas *Plantations*, antes exercido exclusivamente por trabalhadores afro-descendentes.

Por aquela época a ilha de Trinidad fazia parte das possessões inglesas no Caribe e exibia um cenário caleidoscópico: talvez uma das menores colônias do mundo onde tantas culturas diferentes passaram a coexistir a partir do século XIX. Em sua pequena dimensão, aproximadamente 1.864 milhas quadradas, suportava uma heterogênea população constituída de africanos, indianos, chineses, índios caribes, europeus e caribenhos de outras ilhas do continente.

A intrusão de trabalhadores indianos nas *Plantations* causou grande atordoamento, tanto para os fazendeiros como para a numerosa população afro-descendente recém emancipada, pois assim que os indianos chegaram, foram vistos pelos proprietários de terras tanto como uma promessa de aumento da produção, quanto como um dilema. Quer dizer, se por um lado eles representavam a esperança de superação da aludida escassez de braços adaptados às condições oferecidas nas *Plantations*, por outro, uma nova e incômoda realidade a qual esses proprietários teriam que se adaptar, uma vez que se tratava de uma mão-de-obra remunerada e de permanência limitada, apenas cinco anos, conforme contratos firmados antes do embarque. Já para os trabalhadores negros livres, os imigrantes indianos significavam uma constante ameaça às suas posições econômicas e sociais almejadas.

A coexistência assimétrica entre as populações indiana, afro-descendente e branca construiu uma emaranhada e conflituosa rede de relações que, se por um lado não culminou em guerras, por outro não conseguiu atenuar a produção de profundas diferenças entre eles. Suas identidades foram (e ainda são) construídas por meio de um processo colidente e ambíguo, porém, paradoxalmente desejável, uma vez que dele depende a própria sobrevivência de suas identidades culturais².

Destarte, analisaremos os impactos sociais e culturais sobre a população afro-descendente de Trinidad, ocasionados pela chegada dos imigrantes indianos.

No ano de 1845, o navio *Fatel Rozack* desembarcou em Trinidad com aproximadamente 225 indianos, contratados para trabalharem nas lavouras de cana por um período preestabelecido de cinco anos. No entanto esse fato não representou uma novidade para a população daquela ilha, pois desde a primeira década do século dezenove os indianos já habitavam a imaginação daquela gente devido a um insistente desejo manifestado pelos plantadores em substituir a mão-de-obra escrava por camponeses vindos da Índia. Ou seja, antes da emancipação já havia o interesse em recrutar mão-de-obra indiana. Em 1814, por

exemplo, o governador Ralph Woodford de Trinidad escreveu para o então secretário de estado para assuntos da colônia, Sir Bathurst, informando-lhe as vantagens em recrutar indianos para a produção de cana-de-açúcar:

Os agricultores da Índia são conhecidos por sua passividade e industrialidade. Uma introdução extensiva dessa classe de pessoas, acostumadas a viverem unicamente do produto de seu próprio esforço e completamente afastados de qualquer conexão ou sentimentos para com os africanos, seria provavelmente o melhor experimento para a população desta ilha... Os plantadores teriam os melhores meios de se beneficiarem das vantagens dos trabalhadores livres sobre os escravos. Se o açúcar pode ser aumentado nas índias orientais até a um custo menor do que nas índias ocidentais, o melhor meio seria então a capacidade especulativa dos plantadores ³ (tradução nossa).

Em que sentido poderia ser melhor para um fazendeiro contratar trabalhadores assalariados, ao invés de manter escravos africanos robustos, adaptados ao clima caribenho, vivendo sob regime de cativo e com uma vantagem adicional: podiam ser controlados pelo uso da violência – ação necessária à satisfação do desejo incontido do homem colonial branco, em afirmar a sua civilidade sobre aqueles outros “meio-humanos”?

O pequeno trecho do despacho colonial acima citado, está longe de fornecer todas as respostas a essa questão, porém revela uma insatisfação explícita quanto ao uso da mão-de-obra escrava. Nele o governador constrói uma imagem do agricultor indiano de certa forma idílica, combinando as características de passividade, industrialidade e imunidade ao contato com os africanos. Se, por exemplo, traduzíssemos essa mensagem para uma perspectiva cristã, encontraríamos a tríade: bondade, dedicação e subserviência.

Entretanto a idéia de introduzir mão-de-obra indiana em Trinidad não foi uma ação desprovida de planejamentos. Os longos anos de experiência da empresa colonial britânica permitiram aos ingleses a capacidade de elaborar sistemas administrativos adequados ao controle de populações a eles submetidas, tanto para as Américas quanto para outros continentes onde era possível lançar seus tentáculos.

Aos ingleses não faltava à percepção sobre o fato de que, se por um lado a contratação de indianos poderia se constituir numa excelente estratégia para provocar na população negra o ciúme e o medo, impulsionando-os em direção ao aumento de sua capacidade produtiva, por outro, um poderoso fermento para a eclosão de uma revolta camponesa ainda mais séria do que aquela que estava a assombrar a imaginação da população branca da ilha, ou seja, o medo de uma revolta de negros aos moldes do que acontecera no Haiti. Por mais que indianos e negros pudessem parecer estranhos uns aos outros, em termos de suas aparências físicas,

religião, organização familiar e, etc., haveria sempre um *approach* entre eles convocando-os, constantemente, a se perceberem como pessoas submetidas a uma mesma fonte de controle e opressão. Em outras palavras, ninguém melhor do que os ingleses para imaginar que espécie de campo de tensão social haveria de se formar em Trinidad com a chegada dos indianos, uma vez que, nesse mesmo período, o governo colonial britânico estava às voltas com as rebeliões camponesas na Índia, reveladoras de uma inusitada capacidade, por parte dos camponeses indianos, de se organizarem de forma política e social⁴.

Em linhas gerais o conhecimento da capacidade revolucionária dos indianos, somada ao clima de revolta gerado pela insatisfação dos trabalhadores negros de Trinidad, associado à imagem fantasmagórica da revolução haitiana, criou a certeza de que o simples estabelecimento dos indianos nas fazendas de cana-de-açúcar não bastaria. Era imprescindível a implantação de uma ampla política de controle; caso contrário, todos os esforços e recursos destinados à empresa de imigração se converteriam num imenso fracasso.

Assim temendo um possível conluio entre essas duas populações de trabalhadores, foi estabelecido um sofisticado sistema de afastamento que deveria funcionar como uma espécie de vacina contra tal possibilidade, uma vez que o simples confinamento dos indianos nas fazendas não seria bastante, devido entre outras coisas, à pequena dimensão da ilha.

Tal sistema de controle fazia parte da conhecida “política de dispersão”, praticada pela elite agrária em todos os cantos onde ocorreu o sistema *Plantations*. No caso de Trinidad, a estratégia utilizada foi caracterizada por uma rigorosa política de contratação e autoridade sobre os imigrantes. Podemos dizer que a sua natureza era pedagógica, pois objetivava a anglicização de qualquer imigrante residente na colônia, independente de sua origem. Uma espécie de “miscigenação mental” que previa um tempo estimado, normalmente longo, para que as populações submetidas aprendessem os valores culturais ingleses (língua, religião e costumes). Esse modelo foi criado por volta de 1823 com a instalação de uma comissão de instrução pública em Bengala. Posteriormente, em 1834, esse modelo ganhou novos matizes por meio das idéias de Thomas Babington Macaulay, presidente da Comissão Imperial Britânica. Daí por diante, este homem passou a ser considerado como sendo o mentor daquilo que se tornou, mundialmente conhecido, por “plano *Macaulay*” ou “*Macaulayismo*”.⁵

Desde o estabelecimento dos primeiros grupos de indianos, já havia reclamações a respeito da ocorrência de ameaças e de alguns tipos de abuso físico ocorridos nas fazendas. Um dos primeiros incidentes dessa natureza ocorreu em 1847, na fazenda Carolina, durante uma discussão entre o proprietário e alguns indianos contratados, por motivo de salário.

Um dos indianos agarrou as rédeas do cavalo do proprietário, e o cavaleiro açoitou o indiano com seu chicote. Possivelmente o indiano estava desavisado do insulto que cometia ao agarrar as rédeas de um cavalo sob o domínio de um cavalheiro inglês. Mas ser açoitado deve ter parecido ao indiano uma severa reação⁶. (tradução nossa).

Harris já tinha uma opinião formada sobre o que deveria ser feito quando ocorresse esse tipo de distúrbio envolvendo trabalhadores e patrões. “O governador Harris, como é de conhecimento de todos, fez a observação no início do período de contratação de indianos, que a chave para relações harmoniosas no trabalho seria um bom gerenciamento”⁷. Tal posicionamento sugere uma familiaridade com o uso do “plano *Macaulay*”.

De um modo geral os distúrbios entre trabalhadores e patrões e entre trabalhadores de diferentes culturas revelou ao governo colonial de Trinidad um duplo desafio administrativo: ter que dominar duas diferentes populações de trabalhadores, ou melhor, duas diferentes consciências *subalternas*⁸ (grifo nosso).

De acordo com Guha (2000), para que o conceito de subalterno não viesse a ser considerado uma noção frágil e até inadequada, não ultrapassando o âmbito das categorias polares de Elite e Povo, dever-se-ia ir além, considerando o seguinte: em primeiro lugar que a legitimidade, sobretudo da elite nativa, poderia variar de local para local devido a seu caráter heterogêneo, ou seja, dependendo das posições que lhes eram atribuídas. Segundo, também levar em conta as afetações mútuas de um setor da sociedade sobre o outro, ocasionadas pelos ininterruptos contatos inerentes a tal processo.

Assim, com base nas perspectivas dos estudos subalternos, inferimos que os afro-descendentes, a mais numerosa população subalterna de Trinidad, da mesma forma que os camponeses da Índia colonial, também experimentaram longos anos de contatos e trocas com as elites locais desenvolvendo, igualmente, experiências políticas inéditas e mudanças inesperadas em suas culturas.

Deduz-se daí que a chegada dos indianos a Trinidad não representou para a população afro-descendente uma simples disputa salarial, conforme quiseram ver a maior parte dos cronistas e viajantes da época. Havia muito mais “coisas” a serem disputadas como, por exemplo, certas posições sociais arduamente conquistadas pelos afro-descendentes após a emancipação.

Não há dúvida, pelo menos para nós, de que os anos de 1850 e 1851 significaram um verdadeiro divisor de águas para a história da população afro-descendente de Trinidad. Nesse período as autoridades britânicas e indianas, além de concordarem com o recomeço da imigração para Trinidad, após a sua interrupção por dois anos, devido a motivos econômicos e administrativos⁹, também permitiram ao imigrante a liberdade para estender o tempo de seu

contrato de trabalho por mais cinco anos após cumprir os cinco iniciais de permanência nas *plantations*, conforme era o regime de trabalho originalmente implantado.

Apesar do fato de que, por essa época, a quantidade de trabalhadores indianos em Trinidad era insignificante, se comparada à quantidade de trabalhadores afro-descendentes, a notícia da reabertura do sistema de imigração, somado ao prolongamento do tempo de contrato por mais cinco anos representou, para esses últimos, a certeza de que a presença dos indianos na ilha não passava de um estratégia da elite no sentido de pressioná-los.

Entre os anos de 1850 a 1851, a população total de Trinidad era estimada em 69.609 pessoas e os indianos representavam pouco mais de cinco por cento do total da população.

Segundo Sookdeo (2000), por volta de 1850 somente umas poucas centenas de indianos haviam entrado em Trinidad. A grande maioria dentre os mais de 40 por cento dos nascidos no estrangeiro, entre uma população estimada em aproximadamente 68 000 naquele ano, provinha da Europa e de ilhas vizinhas de Trinidad e da África.

Tabela 1 - Entrada de Indianos Orientais em Trinidad

Ano	Total	Ano	Total
1845	225	1881	2.639
1846	2.412	1882	2.599
1847	2.042	1883	2.049
1848	629	1884	3.136
1849	-	1885	1.684
1850	-	1886	2.164
1851	176	1887	2.147
1852	1.322	1888	1.836
1853	1.980	1889	3.224
1854	673	1890	2.875
1855	290	1891	3.164
1856	608	1892	2.620
1857	1.374	1893	1.927
1858	2.017	1894	2.519
1859	3.288	1895	2.000
1860	2.160	1896	3.087
1861	2.541	1897	1.834
1862	1.587	1898	1.292
1863	1.793	1899	1.171
1864	947	1900	653
1865	2.711	1901	2.348
1866	473	1902	3.117
1867	3.266	1903	2.458
1868	1.365	1904	1.265
1869	3.228	1905	3.604
1870	1.890	1906	2.417
1871	1.830	1907	1.860
1872	3.606	1908	2.445
1873	2.567	1909	2.511

1874	1.713	1910	3.286
1875	3.266	1911	3.181
1876	1.516	1912	2.419
1877	1.596	1913	1.189
1878	3.036	1914	443
1879	2.103	1915	624
1880	3.105	1916	-
		1917	396

Fontes: Comins, Note on Emigration from India to Trinidad (1893), 24; James Henry Collens, Trinidad and Tobago Year Book (1903), 170 – 220; C. D. Franklin, Trinidad and Tobago Year Book (1917), 159.

Tabela 2 – Lugares de Origem da População de Trinidad

Lugar de Origem	1851
Na Colônia de Trinidad	40.627
Na Colônia de Trinidad – Ancestrais Indígenas	–
Índias Ocidentais Britânicas	10.800
Índia	4.169
Reino Unido	729
Outras Possessões Britânicas	12
China	–
África	8.097
Outros Estrangeiros	4.915
Não Definidos	260
Total da População	69.609

Fonte: *Trinidad. Registrar-General's Dept. Colony of Trinidad and Tobago census album [cartographic material] compiled by Noel P. Bowen [and] B. G. Monserin. Port-of-Spain : Govt. Press, 1948.*

Pelo menos 8.010 africanos contratados teriam chegado a Trinidad entre os anos de 1842 a 1850. Para Sookdeo, os plantadores preferiam ficar omissos quanto ao fato da quantidade de trabalhadores contratados já ter suprido ou não a demanda da produção, mesmo em face da depressão sofrida no comércio do açúcar a partir do final do ano de 1850.¹⁰

O autor também contesta a idéia de que as quedas salariais ocorreram devido à chegada dos indianos. Para isso ele fundamenta a chegada desses imigrantes tanto nos dados demográficos quanto nos registros anteriores.

Creoles das índias ocidentais eram os mais numerosos entre os vários grupos de imigrantes, seguidos pelos africanos, perto de 28.6 por cento. Os indianos orientais que adentraram o país totalizavam 5.162, embora Comins tenha mencionado 3.993 sobreviventes em 1851: em qualquer caso, a percentagem não muda o fato de que os indianos representavam somente o terceiro grupo mais extenso de imigrantes por volta de 1851. Os salários já estavam num patamar

fixado igualmente, em termos práticos e retóricos. Se todos outros fatores, exceto a imigração, são considerados no declínio salarial em Trinidad, então creoles das índias ocidentais e africanos, e não indianos orientais, teriam desempenhado um papel chave nas reduções salariais¹¹ (tradução nossa).

Assim as opiniões em Trinidad ficaram divididas: de um lado aqueles que apoiavam a imigração indiana, geralmente pessoas que dependiam direta ou indiretamente do sucesso dos plantadores e, do outro, os que não a apoiavam, em geral a população afro-descendente e creoles, pertencentes à classe média, oponentes ao governo e à elite fundiária.

As batalhas entre esses dois pólos inicialmente foram travadas no terreno dos jornais locais. Curiosamente Trinidad possuía um número surpreendente de gazetas em relação à pequena dimensão de seu território. Os principais jornais da época foram: *Port of Spain Gazette*; *The Trinidad Sentinel*; *San Fernando Gazette*; *The Trinidad Chronicle*; *The Trinidadian*; *New Era*; *The Palladium*; *Trinidad Royal Gazette* e *The Trinidad Review*. Sendo que o principal jornal porta-voz da elite fundiária era o *Port of Spain Gazette*. Um outro fato curioso era que a população de Trinidad também podia opinar, publicando suas cartas em sessões destinadas à opinião pública, conforme veremos mais adiante.

Sublinhamos, entretanto, que apesar da grande quantidade de jornais que circulavam na ilha, a maioria da população de Trinidad não sabia ler, conforme mostra o senso de 1851:

Tabela 3 – Alfabetização da População de Trinidad

Ano	Lê e Escreve	Somente lê	Analfabetos	Não Declarados	Analfabetos %	Total
1851	8.710	5.019	54.871	1.009		69.609
1861	—	—	—	—	—	—
1871	—	—	—	—	—	—
1881	—	—	—	—	—	—
1891	—	—	—	—	—	—
1901	—	—	—	—	—	—
1911	139.053	15.205	179.294	—	53.7	333.552
1921	172.617	12.600	180.696	—	49.4	365.913
1931	223.865	11.158	177.760	—	43.1	412.783
1946	342.799	7.861	205.447	1.863	22.5	557.970

Fonte: Trinidad. Registrar-General's Dept. Colony of Trinidad and Tobago census album [cartographic material] compiled by Noel P. Bowen [and] B. G. Monserin. Port-of-Spain : Govt. Press, 1948.

O Jornal *Port of Spain Gazette*, defensor dos interesses da elite rural, trabalhava no sentido de formar dois tipos de opinião a respeito da utilização da mão-de-obra indiana: primeiro, incentivar o governo colonial a criar mecanismos necessários à ampliação do sistema de imigração; segundo, causar na população afro-descendente uma expectativa negativa quanto à presença desses imigrantes em Trinidad.

Para o historiador indo-descendente Kelvin Singh (1988), a minoria branca de Trinidad, amedrontada pelo fantasma de um possível confronto racial entre brancos e negros, aproveitou a chegada do primeiro carregamento de indianos para implantar na mente dos trabalhadores afro-descendentes, a idéia de que os indianos disputariam com eles seus lugares no mercado de trabalho. O projeto da elite tinha um caráter duplo: desviar a exaltação dos negros em direção à imigração indiana e acender neles a chama da competitividade no setor produtivo.

Numa nota veiculada na edição de 30 de Maio de 1845, o jornal *Port of Spain Gazette*, lamentou o fato do primeiro navio de imigrantes (*Fatel Rozack*), não haver chegado a tempo para a última estação da colheita de cana. A intenção da nota era exatamente causar pânico entre os trabalhadores negros da ilha, por meio da idéia de que os indianos seriam uma excelente alternativa para as lavouras:

(...) impressão de que o aparecimento desses novos competidores no mercado de trabalho criaria na mente daqueles que naquele momento detinham o monopólio. A nota expressava a esperança de que, quando os trabalhadores negros fossem informados que havia à disposição dos plantadores, incontáveis trabalhadores acostumados a esse tipo de labuta, ao calor do clima tropical, passando fome em seu próprio país e, por isso dispostos a emigrarem, poderia ser o meio para abrir um pouco seus olhos para a necessidade de trabalharem mais regularmente e dando mais satisfação a seus patrões¹² (tradução nossa).

Em Março de 1848, três anos após o estabelecimento dos primeiros grupos de indianos, o jornal, *Trinidad Royal Gazette*, noticiou o contentamento de alguns fazendeiros quanto à utilização da mão-de-obra indiana:

(...) muito dos plantadores e gerentes se mostraram agradecidos com o trabalho que os indianos estavam executando. Os capatazes das fazendas Ceder Hill e Forest Hill, Mr. Mackenzie tinha acima de cem indianos trabalhando sob sua supervisão; e ele julgou os indianos industriais, alegres, satisfeitos, dóceis e obedientes. Um capataz mestiço (mulato) da fazenda Windsor Park percebeu que os indianos eram melhores trabalhadores do que os creoles negros. O proprietário da fazenda Union Hall, no sul de Naprima, Horatio Huggins, sentiu que os indianos eram menos facilmente ofendidos, isentos de selvageria e apresentavam uma tendência refratária em relação aos africanos. Em casos onde os indianos contratados deixavam as fazendas nas quais eles estavam empregados, a maioria dos proprietários concluiu que isso resultava de um mau gerenciamento ou de maus tratos¹³ (tradução nossa).

Do lado oposto, o jornal, *The Trinidadian*, em Janeiro de 1850, editou uma nota de denúncia onde, além de fazer oposição à imigração indiana, também acusava os plantadores e o governo local de terem montado um esquema para prejudicar a população negra da ilha:

Em 1838 a Grã-bretanha concluiu um esforço conjunto de arrependimento. Ela elevou a população escrava desta ilha ao status de humanidade, mas dando, além disso, um monstruoso presente a seus antigos opressores. A emancipação foi um ato justo – um ato requerido por justiça, humanidade e religião; assim como a reparação também foi igualmente requerida em voz alta, embora irresponsavelmente e de modo o mais impróprio, pois foi dada à parte errada – para aqueles que tinham cometido às injúrias no lugar daqueles que tinham sido totalmente e cruelmente injuriados. Contudo a partir do início de agosto do ano acima mencionado, cada homem era seu próprio mestre, vivendo onde ele escolhia, assim como trabalhando para seu próprio benefício onde estivesse interessado. Embora isto não constituísse tudo que um homem livre tem por direito a esperar e requerer de seus governantes. Os governantes continuaram a tratar os habitantes como servos do solo. Leis foram feitas e taxas foram impostas da forma que lhes aprouveram. Enquanto aqueles, que estavam a obedecer tais leis e a pagar tais impostos não eram, de forma alguma, consultados assim como não tinham nada mais a declarar a respeito do povo de Borneo. Um dispendioso esquema de imigração foi posto em movimento, mas levado a uma prejudicial extensão, prejudicial igualmente para o tesouro colonial e para os bolsos e perspectivas da população. Em adição, um dispendioso estabelecimento eclesiástico foi criado em oposição aos barulhentos e freqüentes protestos do povo, assim como outras medidas opressivas as quais não precisamos aqui mencionar foram, no mínimo, tentadas a ser impostas. A causa oculta de tal política consistia no desejo de defender os interesses dos antigos proprietários de escravos, enriquecê-los ou protegê-los contra uma suposta perda à custa da população e à custa de legitimidade sobre as negociações. O governo manifestadamente legislou exclusivamente em prol dos poucos possuidores nominais de terras na colônia. Os interesses do povo, como um todo, eram mal consultados numa única instância. A teimosa retenção das terras da coroa manifestava inequivocamente que era a vontade do governo confinar os trabalhadores nas fazendas e aglomerar imigrantes, o resultado era claro para a visão obscurecida – quer dizer, um plantador importaria suas próprias regras para o trabalho. A conduta geral do governo tem sido desrespeitosa e obstrutora do bem-estar público. Nós acreditamos que os salários nunca estiveram tão baixos e o trabalho mais abundante que no fim do ano passado. O presente ano se inicia obscuramente sobre aqueles que têm que ganhar o pão pelo suor de seus rostos. O valor reduzido dos salários é, em parte, calculado em razão da extraordinária queda no preço do açúcar e pelas difíceis condições da maioria dos plantadores. Porém, a casa administrativa e o nosso governo local são também culpados. Eles abarrotaram o mercado de trabalho e, sobre seus propósitos em fazer isso nós temos já dito ¹⁴ (tradução nossa).

Analisando o conteúdo da denúncia, é possível perceber não a totalidade, mas uma boa parcela dos projetos sociais a qual a população afro-descendente lutava para consolidar. Tais projetos se tornam visíveis na presença do conjunto das insatisfações que podem ser assim resumidas: desrespeito quanto aos direitos de homens livres; colocação de obstáculos ao crescimento econômico dos pequenos produtores sob a forma de cobrança de elevadas taxas de impostos; desvio de verbas públicas para suprir os custos da imigração; impedimento ao acesso às terras da coroa devido a uma política de retenção; redução de salários; proteção dos interesses dos possuidores de terras, antigos proprietários de escravos e, inchaço da quantidade de trabalhadores na ilha.

Apesar de todas as tentativas da população afro-descendente para tentar impedir a chegada de mais indianos, e por extensão, o prolongamento do tempo de seus contratos, o

governador Harris não se intimidou. Depois de alguns meses de negociações com o Secretário de Estado para as Colônias em Londres, *Lord Mr Earl Grey*, conseguiu concretizar os desejos dos plantadores.

O fato foi que, mesmo *Lord Grey* estando ciente das objeções em relação à idéia de ampliar a imigração indiana, ele não resistiu ao assédio do governador Harris. O argumento utilizado pelo governador era tudo o que a coroa real desejava –, os lucros advindos de suas possessões. A cada ano Harris preparava cuidadosamente um relatório de todo o movimento econômico da colônia, o qual era enviado a Londres. Esse balanço anual era chamado de livro azul (*Blue Book*).

No balanço que enviou o governador Harris não deixava muitas chances para Lord Grey revogar os seus pedidos, pois ao mesmo tempo em que ele massageava o ego de sua majestade, descrevendo um superávit na balança comercial da colônia, também elevava o conceito dos trabalhadores indianos em detrimento da população afro-descendente, a quem ele atribuiu todos os azares sofridos pelos plantadores naquele ano. Em suma, Harris conseguiu, além de isentar a elite fundiária de qualquer acusação de ter montado algum esquema para prejudicar a população negra, também provou a importância de se ampliar à política de utilização da mão-de-obra indiana.

Dessa forma, tais resoluções fizeram aumentar ainda mais o repúdio da população afro-descendente em relação à presença indiana na ilha.

Numa carta publicada em 1851, no *Port of Spain Gazette*, um residente cujo nome não foi informado, externou o seu descontentamento em relação à contratação de indianos. A carta foi editada numa sessão do jornal denominada de “cartas ao editor” (*Letters to the editor*):

As características universais dos *Hindus* são: usual desprezo pela verdade, arrogância, tirania, roubo, falsidade, velhacaria, infidelidade conjugal, desobediência, ingratidão (os *Hindus* não tem nenhuma palavra que expresse agradecimento), espírito litigioso, juramento falso, cobiça, molecagem, servilidade, ódio, vingança, assassinos de seus filhos bastardos ¹⁵ (tradução nossa).

A historiadora Bridget Brereton (1981), reforça uma idéia, praticamente unânime na historiografia de Trinidad, segundo a qual a população indiana havia chegado a um lugar cuja sociedade local já lhes era hostil:

A realidade essencial foi que os indianos chegaram a uma sociedade que era hostil a eles, uma sociedade cujas atitudes variavam entre o desprezo e a indiferença. Eles reagiram defensivamente; separações geográficas, residenciais e ocupacionais eram reforçadas pelo uso preventivo que os indianos faziam de sua casta, religião, vilas e sistema de organização familiar, no sentido de amortecer o impacto causado pelo contato com a sociedade hostil. Esse modelo de relações raciais se manteve por muito tempo após o término do sistema de imigração em 1917¹⁶ (tradução nossa).

Considerado como sendo o primeiro historiador de Trinidad, o viajante e naturalista inglês, Charles Kingsley, registrou em seus relatos de viagem tudo o que vira em Trinidad, exatamente no auge do *indentureship* (sistema de contrato de trabalho firmado entre os imigrantes indianos e proprietários de terras). No vasto registro que dedicou ao funcionamento da colônia e às suas riquezas naturais, anotou também o estranhamento imediato que os indianos tiveram em relação ao padrão cultural da população negra:

A antipatia começou com o primeiro carregamento de indianos orientais os quais estavam habituados, por meio de um sistema de castas, a perceberem a escuridão da pele como uma coisa desprezível. Eles ficaram também chocados pelo desajeitamento e vulgaridade do negro em contraste aos seus próprios movimentos estilizados e disciplinados assim como pela extroversão e o modo risonho do negro em contraste com sua habitual discrição. O Coolie, devido a sua cor ligeiramente mais clara foi odiado e percebido como sendo um intruso aplicado como também desdenhado por ser pagão¹⁷ (tradução nossa).

Na esteira das observações de Kingsley, muitos outros cronistas, viajantes e historiadores, reforçaram a idéia de ter havido um ódio à primeira vista entre a população negra e indiana¹⁸.

Conforme foi dito há algumas páginas atrás, antes da chegada dos indianos houve longos anos de contatos entre as diferentes populações afro-descendentes e as elites locais. Durante essas várias gerações, marcadas por complexas relações, foi se construindo, não apenas o mundo idealizado pelos colonizadores brancos, mas também outras paisagens culturais foram se redesenhando. Estamos falando de um universo afro-descendente que, apesar da ambigüidade que mantinha em relação ao universo cultural dos brancos, não era desprovido de projetos sociais e culturais particulares. É exatamente esse processo histórico de construção da paisagem cultural afro-descendente de Trinidad que devemos olhar, a partir daqui, caso desejarmos seguir em frente rumo ao objetivo deste estudo, ou seja, analisar os impactos sociais e culturais sobre a população afro-descendente de Trinidad, ocasionados pela chegada dos imigrantes indianos. Dessa forma voltaremos nossos olhares, por alguns momentos, para o período anterior à chegada dos imigrantes indianos.

Toda a trajetória das colônias britânicas do Caribe foi marcada por migrações, cuja tendência continuou no pós-escravidão com a utilização da mão-de-obra voluntária vinda da África, das próprias ilhas caribenhas, de regiões empobrecidas da Europa e, por último, da Índia. Entretanto, Trinidad diferenciou-se das demais possessões britânicas em razão de inusitadas formas de relações sociais experienciadas durante o período da escravidão:

Primeiro, tanto a Trinidad britânica como a Trinidad espanhola perceberam que a população indígena estava em declínio e que a ilha carecia de ambos - capital e escravos - em proporção que facilitasse a economia *plantation*. A ilha, de fato, tinha mais escravos forros em 1807-08 do que em 1834 na emancipação (respectivamente 21.895 e 17.539). Segundo, a Inglaterra descobriu que Trinidad convertera-se num lugar para experimentos em que a confiança dos abolicionistas ingleses pararia a expansão da escravidão dentro das colônias recém conquistadas. Esses fatores respondem por que a história da *Plantation* de Trinidad diverge das mais antigas colônias das Índias Ocidentais tais como Jamaica e Barbados. Os escravos eram mais urbanos e mais livres do que eram os escravos nas outras colônias britânicas, e a própria colonização foi realizada por miscigenados (*coloureds*) imigrantes e pessoas negras livres. Negros livres incluindo soldados desgarrados dos regimentos britânicos que haviam lutado nos Estados Unidos, Creoles vizinhos e outros afro-americanos acolhidos pelo governador Ralph Woodford durante os anos de 1814 – 1828¹⁹ (tradução nossa).

Analisando alguns dos principais estudos sobre a história colonial de Trinidad, saltou-nos aos olhos uma intrigante passagem acenando para o fato de que, entre todas as colônias britânicas, foi justamente Trinidad que conheceu uma experiência inédita para a época em termos de relações entre grupos subalternos e governo colonial. Tratava-se de condições favoráveis de trabalho e de convívio social, supostamente vivida pela sua população *free coloured*,²⁰ precisamente no auge do período escravista.

O ponto de partida dessa interessante experiência social é o ano de 1783, quando o governo espanhol aceitou o princípio de imigração estrangeira para Trinidad denominado de “A Cédula da População” (*The Cédula of Population*).²¹ Além do grande número de plantadores franceses que chegaram à ilha, atraídos pelas facilidades abertas ao cultivo, outras garantias oferecidas pela cédula seduziram, também, uma grande massa de *free coloureds*. Como resultado, entre os anos de 1784-97, a população atraída pela cédula superou a antiga de origem espanhola e indígena. Em 1797, a população de *free blacks* e *free coloureds* somava 4.476 pessoas, enquanto que a população branca era estimada em 2.151. Assim, a população branca da ilha foi superada, não somente pela escrava, mas também pela *coloured*. Salientamos que entre essa última havia um surpreendente número de pequenos proprietários de terras e de escravos.²²

Após uma onda de imigração decorrente das ilhas *Granada, Martinica, Guadalupe, St. Lucia e Cayenne*, Trinidad mais se parecia com uma colônia francesa do que com uma colônia espanhola. A razão disso era simples: a base social de Trinidad passou a se apoiar numa forte influência cultural francesa (língua, música, gastronomia, religiosidade, folclore e, etc.). O carnaval, já presente na ilha desde a época dos primeiros colonos espanhóis, foi reforçado pelos colonos franceses, enriquecendo a cultura local.

Tal afrancesamento, entretanto, não amedrontou o liberal governador Chacon, pois naquela época os interesses dos colonos franceses iam de encontro aos interesses da coroa espanhola no que se referia aos destinos econômicos de Trinidad.

Todavia, após 1790, uma segunda onda de imigração atinge Trinidad; dessa vez representada por outra categoria de descendentes franceses (ambos brancos e *coloureds*). Esses eram, em sua maior parte, refugiados da revolução francesa e de rebeliões em colônias inglesas e francesas do Caribe. Assim, Trinidad passou a ser, além de colônia agrícola, também uma espécie de alternativa para refugiados políticos.

As populações *free coloureds* e *Free blacks* superavam numericamente as demais populações da ilha. Juntas aproximavam-se dos cinco mil habitantes, porém estavam longe de se constituírem como grupos socialmente homogêneos. Em seu interior estruturava-se uma linha hierárquica, cujos grupos considerados de maior importância social se localizavam entre os plantadores e proprietários de escravos, ambos atraídos pelos artigos quatro e cinco da cédula de 1783²³. A maior parte das famílias *coloureds*, incluídas dentro do grupo de maior importância social, era de afiliação católica romana, falavam o idioma francês e estabeleciam suas fazendas na parte sul da ilha. Segundo a tradição, desfrutavam de um relativo status social e econômico - uma situação até então impensável para os padrões coloniais entre as demais possessões inglesas e francesas do Caribe, pois nessas outras colônias, os *coloureds* viviam sob severas restrições sociais e econômicas - um sistema de *apartheid* em que era imperativo deixar sempre bem claro quais eram as principais diferenças que os tornavam eternamente inferiores em relação à população branca; nesse caso, o critério de pertencimento à Raça era fundamental para consolidar essa imagem de inferioridade²⁴.

Brereton nos informa, ainda, que nas colônias espanholas por volta dos 1780, embora existissem restrições legais contra a população *coloured*, sua aplicação se dava de forma mais moderada em relação, por exemplo, às ilhas inglesas e francesas. Em algumas colônias espanholas, era permitido aos *coloureds* assumir patentes secundárias no corpo da guarda.

Em linhas gerais, muitos relatos que versam sobre o período do governo Chacon exaltam um governador de intenções liberais e que fazia “vistas grossas” às pesadas restrições aplicadas aos *coloureds* nas demais colônias. Embora nunca tivesse nomeado um *coloured* sequer, para algum cargo de maior expressão em seu governo, procurava sempre tratá-los com respeito e dignidade, principalmente aqueles que se despontavam economicamente. Do ponto de vista social, significava muito para um *coloured* não sofrer humilhações públicas e nem segregações. Assim, supostamente, sob o regime Chacon a população *coloured* de Trinidad teria desfrutado de importantes direitos civis.

Com o passar dos anos, na medida em que imagens românticas sobre o período do governo Chacon foram ganhando corpo, consolidava-se o mito da igualdade social comumente conhecido em Trinidad por “a era Chacon”.²⁵

Na opinião da autora, embora seja aparente algum exagero quanto ao grau de igualitarismo vivido durante a administração de Chacon, não se deve negar o fato de que os *free coloureds*, possuidores de terras e de escravos, por alguns anos desfrutaram de certo status e poder econômico durante o seu regime.²⁶

Numa visão de conjunto, a grande maioria das pessoas pertencentes às populações *free coloureds* e *free blacks* como eram chamadas, não se constituíam apenas de plantadores e proprietários de escravos; eram, sobretudo, pequenos chacareiros dos arredores urbanos, empregados domésticos, artesãos ou mesmo trabalhadores envolvidos na construção de casas e sistemas de plantação. Nesse período eles se tornaram essenciais para o processo de desenvolvimento de Trinidad. No que concerne às suas inclinações políticas, embora uma parte deles se considerasse republicana e simpática à causa da revolução, a maioria não se filiava a nenhuma tendência ideológica, a não ser a aspiração à igualdade social.²⁷

Porém, os aludidos “anos dourados” dos *Coloureds* estavam com os seus dias contados. Os acontecimentos gerados durante a guerra civil em *Saint Domingue* (Haiti), cuidaram para que a população branca de Trinidad passasse a temê-los profundamente. A partir daí, tudo que fizesse lembrar os negros rebeldes haitianos seria digno de repúdio.

Essa evidência, entretanto, nos permite questionar a existência de um regime social mais brando para os afro-descendentes. Isto é, se as condições sócio-econômicas na ilha fossem realmente favoráveis, eles não pareceriam uma ameaça tão séria aos olhos da minoria branca. Portanto tal pavor quanto à possibilidade de uma rebelião negra não combina com a aludida democracia do governo Chacon. Porém, independente de ter havido, ou não, melhores condições de vida para os *coloreds*, o fato foi que a população branca não hesitou em considerá-los perigosos criando, a partir de então, um clima geral de suspeita o que reforçou ainda mais as diferenças e a intolerância racial.

Para minar ainda mais as possibilidades de conquistas sociais dos *free coloureds* e *free blacks*, a partir de 1797, ano em que os ingleses conquistaram Trinidad, a postura assumida pelo primeiro governo inglês em relação à população afro-descendente foi de recriar, em Trinidad, o mito gerado no Haiti em torno do qual a população afro-descendente de lá passou a ser chamada de “*free coloureds revolutionaries*” (negros livres revolucionários). Com a transposição de tal imagem, os ingleses justificariam, daí por diante, o racismo e, por extensão, medidas excludentes contra a população *coloured* da ilha.

Se por um lado não temos dúvidas quanto ao fato dos ingleses terem agravado as políticas de exclusão contra a população afro-descendente, por outro, por mais que a idéia de uma “*golden age*” durante o período Chacon seja tão amplamente aceita entre a população de Trinidad, concordamos com Brereton quanto à insuficiência de evidências mais amplas que possam comprová-la.

Contudo acreditamos que a importância de tudo isto não está em descobrir se houve ou não uma *golden age*, embora não possamos desconsiderar o fato de que os artigos quatro e cinco da cédula de população tenham representado um tremendo avanço social para a população *coloured*. Para nós, o que é verdadeiramente relevante são as múltiplas imagens construídas em torno dessa pretensa “era dourada” e seus efeitos sobre as consciências das populações afro-descendentes de ilha.

Nesse caso, foi exatamente durante a primeira fase do domínio Britânico em Trinidad que as imagens em torno da Era Chacon foram reforçadas para fazerem frente ao severo modelo de controle estabelecido pela coroa inglesa.

O primeiro governador inglês nomeado para Trinidad foi Thomas Picton. A rigidez de seu governo lhe valeu a fama de tirano, arbitrário e monstro. Devido a isso ficou conhecido como sendo aquele que levou à ruína todas as importantes conquistas sociais que a população afro-descendente havia adquirido desde a sua emancipação. Assim, desse “reino de terror”, nasceria um novo mito em Trinidad, o mito da “Era Picton”.

Durante o seu mandato foi permitida, aos mestres, a liberdade para impor castigos corporais a seus escravos, não importando o grau de sua aplicação, dependendo apenas da seriedade das ofensas praticadas, cujo critério para comprovação era quase sempre tendencioso. Também foi concebido aos plantadores o pleno direito para usar o sistema judiciário no sentido de coibir, aterrorizar e punir seus trabalhadores.

Não obstante a crueldade e o rígido controle, a população afro-descendente encontrou formas de manter muitas de suas práticas culturais, como por exemplo, processos rituais, cerimônias religiosas e sistemas de liderança.

Mas a população afro-descendente teve que pagar um alto custo para poder manter acesa a chama de suas práticas culturais. O fato da população branca não querer compreender, ou melhor, repudiar qualquer manifestação de origem africana, fez com que os colonos franceses confundissem as reuniões de cunho religioso com reuniões para fins conspiratórios. Assim, deu-se início a uma série de rumores a respeito da formação de uma rede de sociedades secretas entre os negros, cujo objetivo era assassinar toda a população branca da

ilha. À medida que os rumores aumentavam, supostos líderes religiosos e conspiradores iam sendo detidos para interrogatórios acabando brutalmente assassinados.

Brereton nos brinda com um documento em que aparecem dois plantadores franceses afirmando terem ouvido alguns negros cantando uma subversiva canção em patois:

Pain c'est viande béqué, San Domingo! (O pão é a carne do homem branco, San Domingo [Haiti]).
 Vin c'est sang béqué, San Domingo! (O vinho é o sangue do homem branco, San Domingo).
 Nous va boire sang béqué, San Domingo! (Nós beberemos o sangue do homem branco, San Domingo).
 Pain nous mangé est viande béqué (O pão que nós comemos é a carne do homem branco)
 Vin nous boire c'est sang beque (O vinho que nós bebemos é o sangue do homem branco) ²⁸ (tradução nossa).

Instalado o medo de uma possível insurreição negra, Picton recrudescou o sistema de controle sobre a população *free coloured.*, vista como uma ameaça à civilização branca e ainda possuidora de uma ideologia republicana. Todos os seus direitos adquiridos à época de Chacon, foram caçados.

Transformados em ameaça social eram obrigados a apresentar comprovantes que atestassem seu status de homens livres, quando inquiridos por um soldado em via pública. Mais humilhante ainda foi o fato de serem obrigados a carregar tochas acesas durante a noite, quando estivessem transitando em vias públicas, a fim de serem identificados caso cometessem alguma irregularidade.

Porém, após 1812, movimentos humanitários contra a escravidão ganharam força na Inglaterra e se estenderam na direção de Trinidad, levando resistência a determinadas decisões da câmara legislativa do congresso e, por conseguinte, esperança a toda população afro-descendente. Como resultado, iniciou-se uma série de manifestações e campanhas em defesa de direitos civis e de igualdades políticas para a população *free coloureds*. A partir de então, a colônia de Trinidad converteu-se numa espécie de laboratório colonial inglês para testes de melhoramento nas relações entre patrões e escravos, trabalhadores negros livres e governo. Tais políticas de melhoramento se arrastariam por vinte e seis longos anos de agonia e frustração até o seu ato final - a emancipação dos escravos em 1838.

A partir de 1845, ano da chegada dos primeiros imigrantes indianos, ex-escravos e *free coloureds* empreenderam uma forte resistência à política salarial imposta pelos fazendeiros de Trinidad. Esses, por sua vez, lançaram mão de todos os seus poderes e influências políticas no sentido de manter o domínio sobre os trabalhadores, uma vez que a *plantation*, tal como eles a concebiam, era algo indissociável das formas de exploração e coerção dos trabalhadores.

Contudo, esse cenário de crise já vinha sendo preparado muito antes da emancipação, pois fazia parte do inelutável processo de desestruturação das *plantations*, cujas causas mais conhecidas são:

uma, a “irresponsabilidade técnica” e duas, a “fragmentação”. A primeira causa alude à resistência por parte dos proprietários em modernizarem seus sistemas de produção, tornando-os mais competitivos e adequados aos novos cenários econômicos; a segunda causa tem a ver com o processo de diversificação das atividades e dos produtos, que atingiu Trinidad pela via da ampliação das relações comerciais entre diferentes partes do mundo atraindo, dessa forma, certo número de trabalhadores das *plantations* para atividades comerciais dentro das cidades.

Assim, por volta de 1846, uma considerável quantidade de afro-descendentes tinha trocado os canaviais por pequenas e autônomas vilas agrícolas ou mesmo por cidades, onde era possível conseguir alguma atividade mais promissora²⁹.

Esse truculento período marcado pela passagem do sistema de trabalho escravo para o assalariado, permitiu aos plantadores, em face da resistência imposta pelos trabalhadores afro-descendentes de não aceitarem as suas determinações salariais, produzir uma imagem negativa tanto dos recém-emancipados como dos *free coloreds*, atribuindo-lhes a pecha de preguiçosos e indolentes, os quais trabalhavam o estritamente necessário para adquirirem roupas, bebidas e comidas. A partir de então erigiu-se mais um mito, o mito da indolência negra.

Em suma, durante esses quase quarenta anos *coloureds*, *blacks* e brancos, cada qual a seu modo, produziram imagens que cristalizaram em suas memórias: para os *coloureds*, a existência de uma fase de igualdade e prosperidade a eles assegurada durante o período denominado “Era Chacon”; para os *blacks*, o recrudescimento do ódio racial e do terror durante a chamada “Era Picton”; e para os brancos, a idéia de embrutecimento da sociedade de Trinidad, devido à população negra ter perdido o interesse pelo trabalho e pelos bons costumes ingleses.

Entretanto, essa parte da história de Trinidad, extremamente complexa e prenhe de realidades ainda não reveladas, tem sido pensada na historiografia tradicional como sendo unicamente a triste história da dominação européia sobre as pobres populações ameríndias, afro-descendentes e orientais - visão que reduz todas essas populações a condição de simples vítimas indefesas.

Recusamos essa acanhada visão da história colonial de Trinidad, pois sabemos que a história das populações do Caribe é muito mais do que uma simples história do destino ocidental. Muitos conceitos e teorias, produzidos pela Europa e América anglo-saxônica, falharam ao tentar explicar a realidade das sociedades caribenhas, no que diz respeito aos seus intrincados espaços de relação por onde as suas diferentes culturas se hibridizam e empreendem complexas rupturas e inusitadas recriações culturais.

Brereton sintetizou a paisagem social de Trinidad, do período pós-escravidão, da seguinte forma:

Trinidad no século pós-escravidão era uma sociedade segmentada ou dividida, consistindo-se de setores que percebiam a si próprios e eram percebidos por outros como separados e distintos. Os segmentos eram hierarquicamente organizados e, falando de modo geral, a maior parte da população aceitava o lugar de cada setor na

hierarquia. Mesmo correndo o risco de simplificar demais, podemos dizer que Trinidad nesse período estava dividido em quatro principais setores: a classe social superior branca, pouco questionada quanto à posição que ocupava na elite social, política e econômica; a classe média negra e mulata que se distinguia pela educação e pelos cargos de colarinho branco que ocupava; e a classe de trabalhadores Creoles, essencialmente afro-descendente. Finalmente os indianos que, embora poderosos numericamente, estavam separados do resto da população pela sua cultura, religião, raça, restrições legais e por terem chegado àquela ilha posteriormente. Em linhas gerais, eles não eram considerados parte da 'Sociedade Creole' nesse período ³⁰ (Tradução nossa).

Embora a descrição de Brereton não deixe dúvidas quanto ao critério racial e hierárquico da constituição dos segmentos sociais de Trinidad, não concordamos com sua idéia de que “a maior parte da população aceitava o lugar de cada setor na hierarquia”, pois uma proposição como essa elimina completamente a possibilidade de apreensão das complexas relações entre cada setor da sociedade e, principalmente, das relações culturais entre as diferentes populações afro-descendentes, alocadas no interior desses segmentos hierarquicamente constituídos.

Nessa perspectiva, reafirmamos que muito antes da chegada dos imigrantes indianos a Trinidad, a população afro-descendente já havia suturado, sobre o tecido colonial daquela ilha, inúmeros retalhos de suas histórias de vida. Tratava-se de um intrincado cenário social onde cada um desses trabalhadores, buscando meios de sobrevivência e de conquistas sociais, instituíram diferentes formas de se relacionar, tanto dentro de suas culturas como fora delas, dando origem a uma complexa realidade em que elementos da cultura de um e de outro iam sendo inconclusivamente combinados por meio da coexistência de forças de dominação e resistência, afastamento e osmose; predomínio consensual de uma língua e oposição a ela; algo não definido e infinitamente mutável; complexas histórias de vida e visões de mundo com as quais podiam construir os sentidos de estarem nele.

O que nos autoriza a pensar na formação de uma cultura afro-descendente em Trinidad, constituída a partir das interações entre as populações afro-descendentes pertencentes aos diferentes segmentos sociais, é a existência de uma força catalisadora proveniente de uma filosofia afro-caribenha que se expandia por todo o Caribe, por meio de trabalhadores afro-descendentes que se deslocavam, constantemente, entre as diversas ilhas em busca de oportunidades profissionais.

O argumento central de vários estudiosos caribenhos é de que a filosofia africana tradicional desenvolveu-se por meio de atitudes filosóficas implicitamente carregadas por sábios em seus discursos. Tais sábios eram pessoas comuns, afro-descendentes que se dedicaram à tarefa de conservar, produzir e transmitir ricas tradições filosóficas africanas.

Esses homens sábios eram possuidores de uma distinta capacidade de desenvolver concepções auto-reflexivas, comunicando-as proverbialmente a outros afro-descendentes das *plantations* do Caribe.

Para alcançarmos uma maior compreensão acerca do desenvolvimento das paisagens culturais afro-caribenhas, nos apoiamos em algumas idéias do pensador Henry Paget, cujo estudo aborda, exatamente, as formas de recriação da filosofia africana no Caribe³¹.

Henry inicia seu estudo interrogando o fato de que embora surgissem em muitas regiões do Caribe autores, cujos trabalhos eram carregados de argumentos e *insights* filosóficos originais, paradoxalmente, tais conteúdos filosóficos não eram facilmente visualizados em tais trabalhos; era como se estivessem propositalmente encobertos. Em razão disso, seus esforços objetivavam levar à comunidade acadêmica toda a complexidade da filosofia caribenha. Uma das questões-chave do seu exame é a necessidade de reformulação dos projetos pós-coloniais que sofreram inúmeras distorções devido às fortes mudanças na política econômica global. “A filosofia caribenha tem estado cuidadosamente incrustada nas práticas e discursos não-filosóficos, quase ao ponto de ocultação”³² (tradução nossa).

O encobrimento das filosofias afro-caribenhas pelas nuvens do racismo colonial as reduziu a um nível de quase invisibilidade. Em razão disso o trabalho de restauração empreendido pelo autor tomou a forma de uma dupla escavação: a primeira até o nível da tradição e, a segunda, até o nível da filosofia afro-caribenha, propriamente dita.

Os conteúdos primários da filosofia caribenha surgem dentro de uma estrutura imperialista e se estendem sob a forma de debates relacionados a projetos de dominação colonial, compreendidos em quatro principais grupos: euro-caribenhos, ameríndios, indo-caribenhos e afro-caribenhos. Enquanto o primeiro preocupava-se em justificar sua pretensa hegemonia e reforçar projetos coloniais, os demais grupos se esforçavam em criar condições discursivas para deslegitimar o primeiro. Fundamentalmente, a filosofia afro-caribenha se define como sendo uma prática discursiva intertextualmente incrustada, algo não isolado e não absolutamente autônomo. Em termos práticos, ela se empenha na produção de respostas para questões da vida diária e problemas resultantes de discursos não-filosóficos.

A partir de perspectivas sociológicas, Henry percebe que para compreender as tendências contraditórias e as dessemelhanças na estrutura comunicativa da produção intelectual caribenha, é preciso ir além do simples exame de suas desigualdades. Antes, é necessário vê-las no interior das dinâmicas culturais do sistema colonial, ou melhor, na dinâmica cultural *periférica* do sistema colonial. Tal exercício possibilita a compreensão dos

diferentes níveis de creolização e politização, inclinações anti-africanas, bem como os níveis de visibilidade e invisibilidade das contribuições euro e afro-caribenhas.

Os sistemas culturais periféricos são tipos historicamente específicos de formação cultural, que existem somente em relação a um sistema cultural central. Todavia, ambos os sistemas surgem no interior de formações imperiais ou transnacionais. Entre centro e periferia existem muitas dinâmicas acumulativas, pelas quais o centro deve acumular autoridade à custa da periferia. As dinâmicas de periferização do sistema cultural compreendem relações de acumulação e desacumulação cultural, produtoras de sensíveis alterações na organização das culturas e nas práticas discursivas. Entre outras coisas, o sistema cultural periférico promove a racialização das identidades culturais dos diferentes grupos, convertendo Africanos em negros, Ameríndios em Marrons e Europeus em Brancos, sendo que a oposição Branco *versus* Negro corresponde à sua forma mais extrema.

Na visão do autor, a violência causada pela binaridade *black/white* se ampliou para outras formas de binaridades, causando uma verdadeira implosão dos fundamentos das culturas africanas. Deu-se, assim, a transformação do trabalhador racializado em “*Caliban*”, aquele que, na visão do europeu, não passava de um ser biológico incapaz de pensar logicamente. Dito de outra forma, tal dinâmica empurrava o sistema cultural caribenho na direção da invisibilidade das culturas negras e ameríndias.

Em suma, para compreendermos o intrincado processo de construção da filosofia afro-caribenha, e, por conseguinte, a formação de uma cultura afro-descendente em Trinidad, é mister apreendermos as dinâmicas de calibanização nas quais se incluem: alteridade racial, competição discursiva, dinâmica de convergência e divergência, déficits de legitimação e padrões inversos de acumulação cultural.

Dessa forma, acreditamos que a chegada dos indianos a Trinidad fez ressurgir e fortalecer uma série de imagens calibanizadas, que foram utilizadas contra os afro-descendentes como pretexto para a elite fundiária justificar a utilização da mão-de-obra indiana. Em conseqüência, a população afro-descendente, em defesa de seus projetos e conquistas sociais alcançados ao longo de sua penosa existência naquela ilha, lançou mão de uma dupla estratégia: primeiro fez uso do mesmo infortúnio de que foi sempre vítima, ou seja, passou a calibanizar o indiano na tentativa de criar, entre a população de Trinidad, um amplo sentimento de repulsa contra eles; segundo, buscou refúgio nas heranças culturais africanas, possibilitando a construção de espaços abertos à interação entre os diferentes setores da população afro-descendente. Tais recursos foram buscados nas diversas práticas culturais afro-caribenhas, tais como: música, literatura, dança e outras formas culturais. Quanto a isso,

podemos dizer que a presença indiana em Trinidad possibilitou a reprodução e intensificação tanto da filosofia afro-caribenha, em todas as suas fases, quanto dos atributos de formação de um sistema cultural periférico.

Assim, perceber a população afro-descendente de Trinidad menos como grupos de trabalhadores dispersos e mais como uma cultura em construção³³, significou para nós a consolidação da idéia de que uma das explicações possíveis para a população indiana ter permanecido no mais baixo estrato da pirâmide social, mesmo poderosa numericamente e, aos olhos da elite, melhor qualificada do que os afro-descendentes, deveu-se ao fato das diferentes populações afro-descendentes de Trinidad terem-se aberto a múltiplos processos de relação, motivados tanto pela energia catalizadora da filosofia afro-Caribenha, como pelas práticas culturais afro-caribenhas, recriadas por força das dinâmicas de periferização.

Referências

Impressas

PORT OF SPAIN GAZETT, May 30, 1845

TRINIDAD ROYAL GAZETTE, IX, No. 2; 22 Martch 1848

THE TRINIDADIAN, January 16, 1850

PORT OF SPAIN GAZETTE, May 6, 1851

Obras de Apoio

ANDERSON, B. R. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ARAÚJO, Alexandre Martins de. *Caribe, Relações Culturais Século XIX: Negros e Coolies em Trinidad (1845-1870)*, Goiânia: GEV, 2004, p. 43.

BARTH, F. (org.). *Los grupos étnicos y sus fronteras*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BRERETON, B. *A History of Modern Trinidad, 1783-1962*. London: Heinemann, 1981.

_____. *Race Relations in Colonial Trinidad, 1870-1900*, Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

FLECHA Y GOMES. *Racismo: No, Gracias. Ni moderno ni postmoderno*, Barcelona: El Roure, 1995.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GLISSANT, É. *Poetics of Relation*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.

_____. *Caribbean Discourse*. Charlottesville, University Press of Virginia, 1989.

GUHA, R. *Elementary Aspects of Peasant Insurgency in Colonial India*. London: Duke University Press, 1999.

_____. “La Muerte de Chandra”. In: *História y Grafía*. México: Universidad Metropolitana, 2000.

HALL, S. “Quem precisa da identidade?” In: Tomaz Tadeu da Silva (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.109.

JUNIOR, Benjamin A. (org), *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

KINGSLEY, Charles. *At Least, A Christmas in the West Indies*, London: 1872.

PAGET, Henry. *Caliban’s reason: introducing afro-Caribbean philosophy*, New York: Routledge, 2000.

PERRY, J. A. *A History of the East Indian Indentured Plantation worker in Trinidad, 1845-1917*. Baton Rouge: Louisiana State University, 1969, 160p.

SOOKDEO, N. A., *Freedom, Festivals and Caste in Trinidad After Slavery: A Society en Transition*. New York: Xlibris, 2000

Notas

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

² “A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre ‘demasiado’ ou ‘muito pouco’ – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao ‘jogo’ da *différance*. Ela obedece à lógica do *mais-que-um*. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui” (HALL, Stuart. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, T. T. da (org.). Petrópolis: Vozes, 2000, (contra capa).

³ cf. TRINIDAD DUPLICATE DESPATCHES, 1814 apud PERRY, 1970, p. 49. The cultivators of Hindostan are known to be peaceable and industrious. An extensive introduction of that class of people accustomed to live on the produce of their own labor only and totally withdrawn from African connections or feelings, would probably be the best experiment for the population of this Island... the Planter would have the best means of satisfying himself of the advantages of free labourers over slaves. If sugar can be raised in the East Indies at so much less an expense than in the West, the best means would soon be in the power of the speculative planter.

⁴ Para conhecer a complexidade das insurgências camponesas na Índia colonial leia: GUHA, R. “Elementary Aspects of Peasant Insurgency”, In *Colonial India*. London: Duke University Press, 1999.

⁵ cf. Anderson, B, R. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

⁶ Colonial Office 295. Vol. 158, Harris to Grey, 7 December 1847 apud Perry, 1970, p.87. One of the Indians grabbed the reins of the proprietor’s horse, and the rider lashed at the Indian with his riding crop. Possibly the Indian was unaware of the affront he had committed by grabbing the reins of a horse ridden by an “English Gentleman”, but being whipped must have seemed to the Indian a severe response.

⁷ Colonial Office 295, Vol. 163, Harris to Grey, 1 July 1848 apud Perry, 1970, p.95. Governor Harris, as was noted, made the observation early in the indenture period that key to harmonious labor relations was good management.

⁸ Para uma ampla compreensão acerca do conceito de Subalternidade veja GUHA, Ranjit. In: *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*, New York: Verso, 2000.

⁹ cf. BRERETON, B. 1981, p. 101.

¹⁰ cf. SOOKDEO, N. A. *Freedom, Festivals and Caste in Trinidad After Slavery: A Society en Transition*. New York: Xlibris, 2000, p. 74.

¹¹ Cf. *Ibidem*, p. 91. West Indian creoles were the most numerous among the various immigrant groups, followed by Africans at 28.6 percent. The East Indians who entered the country totaled 5,162, but Comins noted 3,993 survivors in 1851: in either case the percentage does not change the fact that Indians were only the third largest group of immigrants by 1851. wages were already in a fixed pattern and both in rhetorical and practical terms, if all other factors but immigrations are considered in wage declines in Trinidad, West Indian creoles and Africans, not East Indians, played the key role in wage-reductions.

¹² Port of Spain Gazett, May 30, 1845 apud SINGH, Kelvin. In: *Bloodstained tombs: the Muharram massacre, 1884*. London: Macmillan Publishers Ltda, 1988.p 3. Impressions the appearance of these new competitors in the labour market will create in the minds of the present monopolizers. It went on to express the hope that when the labourers (Negro) are informed that there are countless thousands of these people inured to tropical labour, and the heat of a tropical climate, starving in their own country, and most willing to immigrate to this, it may be the means of opening their eyes a little to the necessity of working more steadily and giving greater satisfaction to their employers.

¹³ Trinidad Royal Gazette, IX, No. 2; 22 Martch 1848 apud Perry, 1970, p.81-82. Many of the planters and managers appeared to be please with the work the Indians were performing. The manager of Ceder Hill and Forest Hill Estate, Mr. MacKenzie, had over one hundred Indians working under his supervision; and he found the Indians to be “industrious, cheerful, contented, docile, obedient.” A colored manager of Windsor Park Estate thought that the Indians were better workers than Negro Creoles. The proprietor of Union Hall Estate in South Naprima, Horatio Huggins, felt the Indians were “less easily offended, devoid of the savage, unruly disposition of the African.” In cases where Indentured Indians left the estates on which they were employed, most proprietors conclude that it resulted from bad management or ill treatment.

¹⁴“In 1838 Britain did ‘a work meet for repentance’. She raised the slave population of this island to the status of humanity and gave a monstrous largesse, to boot, to their quondam oppressors. Emancipation was a righteous act — an act demanded by justice, humanity and religion; and compensation, too was alike loudly demanded, but most unaccountably and unfortunately it was given to the wrong party — to those who had committed the injury instead of to those who had been grossly and cruelly injured. However, from the beginning of August in the year above-named, every man was his own master as far as living where he chose and labouring for his own interests were concerned. But these do not constitute all that free men have a right to expect and demand of their rulers. The government continued to treat the inhabitants as serfs of the soil. Laws were made and axes imposed at pleasure, while those who were to obey the one and pay the other were in no way consulted and had no more say in the matter than the people of Borneo. A costly immigration scheme was set on foot and carried on to a ruinous extent, ruinous alike to the colonial treasury and to the pockets and prospects of the people. In addition an expensive ecclesiastical establishment was created in defiance of the loud and repeated remonstrances of the people, and other oppressive measures, which we need not here name, were at least attempted to be imposed. The secret of such a policy consisted in the wish to bolster up the interests of the former slave holders, to enrich them or secure them against supposed loss at the expense of the people and at the expense of justice to the bargain. The government manifestly legislated solely for the few nominal possessors of the land in the colony. The interest of the people at large were hardly in single instance consulted. The dogged retention of the crown lands unequivocally declared that it was the wish of the government to pen up the labourers on estates, and by crowding in immigrants, the result was clear to the dimmest vision — that is, a planter would dictates his own terms for labour. The whole conduct of the government has been disreputable and obstructive of the public weal (...)

(...) We believe that wages were never lower and labour more abundant that at the close of the past year. The present year set in darkly on those who have t earn their bread by the sweat of their brows. The reduced rate of wages is partly accounted for by the extraordinary fall of the planters. But the home government and our local government are also to blame. They overcrowded the labour market and their purpose in doing so we have already stated” (...) (cf. *The Trinidadian*, January 16, 1850).

¹⁵ Port of Spain Gazette, 6 May 1851. The universal characteristics of the Hindoos are habitual disregard of truth, pride, tyranny, theft, falsehood, deceit, conjugal infidelity, filial disobedience, ingratitude (the Hindoos have no word expressive of thanks), a litigious spirit, perjury, treachery, covetousness, gaming, servility, hatred,, revenge, cruelty, private murder, the destruction of illegitimate children.

¹⁶ cf. Brereton, B. *A History of Modern Trinidad, 1783-1962*. London: Heinemann, 1981, p. 115. The essential reality was that the Indians came to a society that was hostile to them, a society whose attitudes ranged from fear to contempt to indifference. They reacted defensively. Geographical, residential and occupational separation was reinforced by the Indians’ protective use of caste, religion, village community and traditional family organization to cushion them from contacts with a hostile society. This would be the pattern of race relations long after the system of indentured immigration was ended in 1917.

¹⁷ Kingsley, Charles, *At last; a Christmas in the West Indies 1819-1875*. New ed. London, New York: Macmillan, 1889, p. 101. The antipathy begun whit first shipment of the east Indians as such was habituated by the caste systems to feel the darkness of skin as thing more despicable. They also became shocked by the unfortunate awkwardness of gesture and vulgarity of manners of the overage Negro in opposition to your self stylized and disciplined fashion as a by the extroversion and smiling way of the Negro in contrast of your discretion custom. The Coolie due your skin lightly more white was hated and noted as been a hard-working interloper as too despised as a heathen.

¹⁸ Para ter acesso a uma descrição mais detalhada a respeito de como a idéia de ódio racial entre indianos e negros foi se cristalizando na historiografia de Trinidad, veja o estudo de minha autoria, particularmente, o capítulo intitulado: *Visões de um Trinidad Oitocentista*. Cf. ARAÚJO, Alexandre Martins de. *Caribe, Relações Culturais Século XIX: Negros e Coolies em Trinidad (1845-1870)*, Goiânia: GEV, 2004.

¹⁹ Cf. SOOKDEO, 2000, p. 253. First, British Trinidad like Spanish Trinidad learned that the indigenous population was on the decline, and that the island lacked both capital and slaves in quantities which facilitated a plantation economy. The island actually had more slaves at Abolition in 1807-08 than in 1934 at Emancipation (respectively 21,895 and 17,539). Second, Britain discovered that it had become a place for experiments which British abolitionists hoped would stop the extension of slavery into newly acquired colonies. Theses factors accounted for Trinidad's divergence from the plantation history of older West Indian islands like Jamaica and Barbados. Trinidad slaves were more urban and more free than were the slaves in older British colonies, and Trinidad's settlement itself was accomplished by mixed-race (coloured) immigrants and black free persons. Free blacks included disbanded soldiers from British regiments who had fought in the United Estates, neighboring creoles and other African-Americans welcomed by Governor Ralph Woodford during 1814-1828.

²⁰ Trabalhadores livres, negros e miscigenados cujos traços físicos predominantes se ligam à tipologia africana.

²¹ Por volta de 1783, após reconhecer a importância de atrair colonos franceses provenientes das ilhas coloniais vizinhas a Trinidad, dado a possibilidade de aproveitar seus escravos, capitais e experiências no cultivo de gêneros tropicais, o governo espanhol de Trinidad aceitou o princípio de imigração estrangeira para Trinidad criando uma série de facilidades para quem se estabelecesse na ilha, tal decreto ficou conhecido com sendo "A Cédula da População". Cf. BRERETON, 1981, p. 13 – 15.

²² *ibidem*. p. 16.

²³ Os artigos quatro e cinco da cédula de população garantiam terras e direitos civis a qualquer tipo de imigrante considerado livre, independente de sua "raça" ou afiliação religiosa. *Ibidem* p. 13 – 15.

²⁴ cf. Flecha y Gomes. *Racismo: No, Gracias. Ni moderno ni postmoderno*, Barcelona: El Roure, 1995.

²⁵ O mito *chacón*, também passou a ser conhecido como a "golden age", um passado romantizado por aqueles que se sentiam racialmente inferiorizados.

²⁶ *Idem*. p. 25.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Ibidem*. p. 48. The bread is the flesh of the white man, San Domingo! [Haiti]. The wine is the blood of the white man, San Domingo! We will drink the white man's blood, san Domingo! The bread we eat is the white man's flesh; the wine we drink is the white man's blood.

²⁹ Segundo um documento parlamentar, cerca de 5.400 afro-descendentes teriam abandonado as fazendas para viverem em novas vilas cuja forma de ocupação das terras se dava pela compra de pequenas porções adjacentes a elas ou pela doação por parte de alguns fazendeiros desejosos em tê-los próximo à plantação. cf. *Parliamentary Paper*, 1847, XXXIX, 325, "Immigration of Labourers into the West Índia Colonies", 125.

³⁰ *Ibidem*, p. 116. Trinidad in the century after emancipation was a divided or 'segmented' society, consisting of sectors that perceived themselves, and were perceived by others, as separate and distinct. The segments were hierarchically arranged, and, generally speaking, most people accepted the place of each sector in the hierarchy. At the risk of over-simplification, we can say that Trinidad in this period was divided into four major sectors. There was the white upper class; few questioned its ranking as the political, social and economic elite. There was the black and coloured middle class, distinguished by education and by white-collar jobs. There was the Creole working class, mainly of African descent. Finally, the Indians, although strong numerically, were separated from the rest of the population by culture and religion, by race and by legal restrictions, and by their relatively late arrival. They were not generally considered to be a part of 'Creole society' in this period.

³¹ PAGET, Henry. *Caliban's reason: introducing afro-Caribbean philology*, New York: Routledge, 2000.

³² *Ibidem*, p. xi.

³³ (...) "A cultura precisa ser vista como a produção desigual e incompleta de significação e valores, muitas vezes resultantes de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato de sobrevivência cultural" Cf. MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario T. *Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha*. In: JUNIOR Benjamin Abdala (org). *Margens da Cultura: Mestiçagem, Hibridismo e Outras Misturas*, Perdizes SP:Boitempo Editorial, 2004 p. 125.

